

Visita do Presidente Eanes ao R.G.P.L.

VITORINO FIGUEIREDO DE ALMEIDA CAMPOS
2º Vice-Presidente do Real Gabinete Português de
Leitura

Senhor Presidente da República,
Excelência, . . .

Entre os acontecimentos memoráveis da história deste Real Gabinete Português de Leitura, haverá de destacar-se, entre os maiores, o dia de hoje, gratamente assinalado com o ter querido V. Excia. encontrar-se aqui com portugueses do Rio de Janeiro, em sua primeira visita ao Brasil como Presidente da República portuguesa.

Bem haja pela grande honra que nos dá.

Sabemos que V.Excia. bem conhece a origem deste templo de cultura, o que faz desnecessário aditarmos às nossas humildes palavras de saudação, qualquer relato histórico da sua origem material. Mas nos permitimos, Sr. Presidente, a satisfação de um incontido desejo de lembrar-lhe que esta obra — uma das mais importantes bibliotecas públicas do Rio de Janeiro —, foi criada, e existe, no concretizar da maravilhosa missão de cumprir-se um dos mais nobres e válidos gestos da predestinação criadora da nossa Pátria, da nossa gente.

Na verdade, Sr. Presidente, é ela uma obra verdadeiramente singular, na medida em que se desconhece, em qualquer outra parte do mundo, uma outra assim: idealizada, criada e mantida por emigrantes, para oferta permanente, de dádiva total, à cultura do país que os recebe.

O Real Gabinete Português de Leitura, na realidade de sua essência e da ação que desempenha, é bem a consubstanciação dos mais altos e nobres

Discurso de saudação pronunciado em 25 de Maio de 1978, na sessão solene realizada pelo RGPL em homenagem ao Presidente da República Portuguesa, gen. Antônio dos Santos Ramalho Eanes.

impulsos que nos impeliram, pelos tempos, mar quem, no cumprimento da extraordinária gesta cujo maior feito terá sido, sem dúvida, a existência como real fronteira humana de Portugal e do seu idioma, deste maravilhoso Brasil fraterno em que temos o privilégio de viver e de nos sentirmos como se em nossa própria pátria.

É assim, a um só tempo, êste Real Gabinete, símbolo e realidade da genuína alma portuguesa, tão bem materializada neste verdadeiro pedaço de Portugal em que hoje recebemos V. Excia., dado que pela origem e lavra das suas pedras cinzeladas, bem pode considerar-se como algo retirado dos mosteiros da Batalha e dos Jerónimos, trazido para se fixar em terra brasileira, ungido com bençãos e foros de verdadeira Catedral: — Algo que nos induz, Sr. Presidente, a afirmar ser esta uma obra dotada de alma, aqui se sentindo convergir e reviver, em presenças espirituais que a todos parece tocar, os mais fortes e nobres espíritos de transcendências passadas, da nossa verdadeira alma Pátria.

Perlustram por estas salas, e se escutam dos milhares de livros destas estantes, as mais fortes e incentivadoras vozes de Fé e de Esperança para as horas presentes e futuras da nossa Pátria.

São as vozes incentivadoras daquelas memoráveis operosas MANHÃS DE SÃO MAMEDE E ALJUBARROTA/ DA RIBEIRA DAS NAUS, PONTA DE SAGRES;/MANHÃS DE MAR BRAVIO E VELA ROTA/ MANHÃS DOS GRANDES SONHOS E MILAGRES!

Como igualmente chegam até nós, em outros timbres de vozes, os ecos lamentosos de tempos de provação e de dores — que sempre os houve, e haverá, na existência de todas as pátrias —: ECOS DE OUTRAS MANHÃS DE TRISTEZA/ INDORMIDAS, DE DOR E DE REVOLTA./ MOMENTOS PASSAGEIROS DE FRAQUEZA/ QUE SEMPRE A NOSSA FÉ MANDA DE VOLTA.

Foi sem dúvida na consciencização destas emoções e sentimentos que os portugueses puderam aqui realizar suas admiráveis obras associativas, de predominância cultural e beneficente; e é por idêntica motivação que, em todos que por aqui vão passando, se fortalece um compromisso maior de preservar e tanto quanto possível contribuir para aumentar, a grande riqueza de que Portugal é detentor, representada pelas largas fronteiras humanas do nosso idioma, possibilitadas pela feliz opção portuguesa de irmos mar em fora, na criação de mundos.

Grandeza incalculável que haveria de levar-nos à justa revalorização do quanto foi acertada e oportuna essa decisiva opção quinhentista que fez com que não nos deixássemos ficar agarrados somente ao pequeno torrão pátrio, reconhecidamente carente de recursos naturais suficientes para um forte destino industrial. Carência e gesto que, atrasando-nos, inevitavelmente de outras próximas nações da Europa, no campo da indústria, permitiram-nos, porém, a posse da imensa riqueza da extensão do nosso idioma, em que jamais essas outras nações nos poderão igualar: Esta riqueza não constituída de terras, nem de bens materiais, e que, mau grado o por vezes tormentoso evoluir de jornadas e desacertos de tantos de nós, continua a crescer e brilhar cada vez mais, na medida em que, num confronto de grandezas, perante o computo da

mesma espécie de riqueza existente pelo mundo, tem Portugal o privilégio de figurar entre os seis ou sete mais afortunados, visto que, para honra nossa, o idioma português é já o sexto ou sétimo mais falado no mundo.



O Com. Vitorino Campos quando proferia o seu discurso.

Em suma, Sr. Presidente, um patrimônio irreversível que, se um dia, pela imprevisível evolução social da humanidade, a relativa maior felicidade na Terra vier a constituir-se em poder o homem realizar-se, em família, trabalho e anseios, dentro de um aconchego espiritual de afinidades de idioma e de tradição, totalmente suas, certo será que para o povo português haverá de constituir-se na maior base dessa relativa felicidade, o poder ele expressar-se também na sua língua desde Amazonas ao Rio Grande do Sul, Angola, Macau, além de por outras novas fronteiras, de formação portuguesa, nas quais temos Fé em que Deus haverá de aclarar o bom senso dos homens para que também ali venha a prevalecer a língua de Portugal e do Brasil.

É muito por estes pensamentos e realizações que aqui vamos vivendo, numa constante de amor pela Pátria e de desejo de tudo fazer por elevá-la à altura de sempre por ela termos o maior orgulho. Como igualmente, em uníssono, vive presente o reconhecimento da eterna gratidão que o Brasil merece de todos nós.

Por tudo isto, Sr. Presidente, precisava de ser nesta Catedral, da alma e da cultura lusíada no Brasil, que haveríamos de sentir este imenso júbilo de receber V. Excia. e em que o Presidente de Portugal haveria de nos reunir para este encontro-reencontro, tão patrioticamente esperado. Um encontro cuja dimensão nos ultrapassa, em sentido e em número, pois que na realidade o é com todos os portugueses que por este imenso e querido Brasil — com o pensamento na Pátria e perante o significado desta desejada visita —, vêm acompanhando V. Excia.

O coração nos diz, Sr. Presidente, que todos, espiritualmente, aqui se encontram sobrepondo às nossas humildes palavras de saudação, os mais fortes anseios pela tranquilidade, pelo progresso e pela felicidade da Pátria, e

rogando que queira V. Excia, ao regressar, LEVAR DAS VIBRAÇÕES DESTES MOMENTOS / E MAIS DAS VOZES DESTA CATEDRAL / A CERTEZA DE NOSSOS PENSAMENTOS / ESTAREM SEMPRE AQUI COM PORTUGAL.

Praza a Deus, Sr. Presidente, a saúde de V. Excia. e a satisfação da Fé e da Esperança que nos animam ao termos a honra de saudá-lo em nome do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.